

ARTE . VISUAL . ENSINO
Apoio *Pedagógico Virtual*

**GESTÃO EM ARTES
VISUAIS**

Professor Doutor

Isaac Antonio Camargo

***Projetos de Gestão em
Artes Visuais.
Parte 10***

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

A disciplina de Gestão em Artes Visuais, no curso de Bacharelado em Artes Visuais da UFMS prevê alguns pontos de reflexão específicos nos conteúdos propostos. Para lembrar aqui está, novamente o conteúdo proposto pela Ementa da Disciplina:

“Reflexões sobre as possibilidades de atuação profissional para o bacharel em Artes Visuais, abordando aspectos mercadológicos, de produção e gestão artístico-culturais, públicas e privadas”.

Como se vê a Ementa é aberta, ou seja, estabelece uma base de “*Reflexões*” sobre questões relacionadas à atuação profissional para o Bacharel em Artes Visuais. Estas reflexões devem abordar aspectos: *mercadológicos, de produção e gestão artístico-culturais, públicas e privadas.* Os tópicos desenvolvidos em partes de 1 a 9 contemplam todos estes aspectos.

O objetivo principal da disciplina é promover a consciência crítica sobre Gestão. A título de reforço vou retomar, em síntese, os aspectos nela apontadas, a saber:

- a) mercadológicos;***
- b) produção;***
- c) gestão artístico-culturais, públicas e privadas.***

A finalidade desta retomada é, além de reforçar os conteúdos tratados é construir um percurso de orientação para a continuidade dos trabalhos, especialmente aqueles relacionados às avaliações.

Portanto, a partir daqui, serão indicadas leituras destinadas a constituir *ensaios de projetos pessoais de Gestão*. Cada estudante deverá entregar, até o final do semestre, uma proposta de atividade de Gestão que contemple um dos três aspectos apontados na Ementa: *Mercadológico, Produção ou Gestão em Arte ou Cultura em instituições públicas ou privadas*.

Reforçando:

Os aspectos ***mercadológicos*** e ***produtivos***, nesse caso, se referem ao contexto da realização, compra e venda de Obras de Arte.

Historicamente vimos que a relação da economia, no sentido mercantil, com as Obras de Arte, nem sempre foram as mesmas. Na Pré-História, por exemplo, não havia economia mercantil, logo, quem produzia Arte não o fazia visando este fim.

Supõe-se que tais produções tinham caráter mágico/propiciatório relacionados à sobrevivência, seja à caça, coleta ou mesmo às questões da fertilidade, fosse humana ou até mesmo do solo que lhes proporcionava o sustento.

Portanto seria possível pensar numa “Gestão” naturalista e simbólica sobre os anseios, necessidades e sua supressão por meio da crença em atos mágico-simbólicos.

O mesmo pode se dizer do Período da Antiguidade no qual os produtores não eram “autores” ou “artistas” no sentido que damos hoje a estas palavras. Eram trabalhadores especializados, artesãos, construtores que realizavam as imagens e ornamentação de templos, túmulos e palácios de acordo com a orientação de alguém. Os interesse ou estilo pessoal não eram levados em conta, mas sim o sistema normativo relativo poder dominante.

Muitas destas pessoas eram escravas, outras livres, mas não tinham poder sobre as obras, temas, sentidos e significação, eram apenas operários especializados em transformar as ideias e valores dominantes em imagens de deuses, monarcas, guerreiros e heróis. Na maioria das vezes recebiam alimentos ou pagas por meio de benefícios e alguma distinção da corte.

Na Idade Média, isso não muda muito. O domínio religioso sobre o sistema econômico destinava boa parte das obras de arte aos templos e aos palácios. Os produtores ainda eram considerados como artesãos especializados e não tinham sequer opinião sobre o que faziam, apenas cumpriam suas funções técnicas/estéticas na construção de imagens narrativas sobre deuses, santos, religiosos e poderosos.

Muitas das pessoas que atuavam no contexto da Arte eram religiosos confinados em mosteiros que se destinavam a manter a cultura sob a guarda de certas ordens. Assim haviam freis copistas, tradutores, ilustradores como os iluministas, entalhadores, escultores, pintores, etc. etc. Contudo nem sempre recebiam paga por isso, seu serviço era doado a deus e à religião que os compensava pela fé no paraíso...

Embora pareça irônico, a manutenção dos mosteiros, fraternidades e ordens religiosas era feita pela igreja e seus doadores, normalmente a nobreza e os guerreiros e comerciantes que buscavam acender ao *status* da nobreza. Enfim, os monges e irmandades também eram responsáveis pela própria produção de alimentos, como o plantio, colheita, processamento e distribuição de alimentos. Além de fazerem Arte...

A história nos mostra que as instituições de poder na sociedade sempre se apropriaram dos mais fracos e ignorantes para se estruturar e se manter, por isto, sobrevivem até hoje. Na Idade Moderna há uma mudança substancial no contexto da produção/mercantilização de Obras de Arte. O advento do Renascimento instaurou um novo sistema cultural valorizando o Humanismo e a tradição.

A Idade Moderna viu o poder da igreja e da nobreza diminuir e ascender o poder dos comerciantes, banqueiros e guerreiros. Os conflitos entre as Cidades-Estado foram se intensificando a ponto de algumas regiões serem dominadas por alguns grupos e famílias que enriqueceram e adquiriram o *status* da nobreza, assim passaram a usar a Arte como um meio de distinção e manifestação de seu poder.

Ao mesmo tempo, a Arte era uma “moeda” de troca com a igreja na medida em que subvencionavam a construção e ornamentação de templos e palácios de religiosos e nobres, assim se tornavam também nobres e mantinham seu domínio nas regiões das quais se apropriaram. A partir daí a produção artística ampliou muito e muitos artistas foram elevados ao nível de intelectuais, se afastando o preconceito do artesão.

Este período viu surgir e crescer nomes extraordinários como Leonardo da Vinci, Rafael e Michelangelo, (só para citar a trindade artística mais evidente desta época). Reconhecidos como intelectuais tinham o poder da autoria. Assinavam seus contratos, obras e prescrições sobre o pensar e o fazer da Arte. A produção artística cresceu vertiginosamente a ponto de possibilitar a fundação das primeiras instituições de ensino em Arte:

As Academias. Estas instituições, fundadas pelos príncipes (os donos do poder), pela igreja e os nobres, passaram a investir pesadamente em Arte, (lembrem era –e é- um recurso de distinção social), construir palácios e embelezar suas cidades de domínio e manter a produção artística em alta ao ponto de se transformarem em acumuladores de Arte ou melhor: Colecionadores.

Estes colecionadores passaram também a construir espaços para mostrar suas coleções, assim surgiram as galerias e mais tarde os museus. Nota-se então que foi o período mais rico em que houve maior expansão da produção artística. Isto implicou também na expansão desse projeto “cultural” para outros reinos e países. Outros governantes “importavam” artistas da Itália, centro do Renascimento para realizarem obras em seus palácios.

Esta “exportação” de talentos italianos levou também à expansão da Arte e dos modos de fazê-la caracterizando as escolas que chamamos de Renascimento e Barroco. Com isto o mercado e a produção de Arte também se expandiu enormemente. Até o século XIX a Europa foi o centro de uma produção hegemônica que influenciou o resto do mundo (entenda-se as colônias europeias).

O “Boom” da produção e do mercado de Arte entre os séculos XV até meados do século XIX foi dos maiores de todos os tempos. O mercado de Arte era estável e a profissão de Artista, aceita e bem remunerada. Até que... O advento do Modernismo acontece e, *“tudo como antes no quartel de Abrantes”* ... Ou seja, nada mudou. Só para ilustrar um pouco, vale a pena lembrar a origem desse dito:

Esta frase era usada nos idos de 1807 em Portugal às vésperas da possibilidade da invasão francesa, quando o General Junot montou um quartel em Abrantes para invadir Lisboa. Como a invasão não acontecia, dizia-se: tudo como antes no quartel de Abrantes. Tudo continua como sempre foi, nesse sentido é que o advento do Modernismo recolocou a questão da produção e do mercado em foco.

A Arte Neoclássica, especialmente o Neoclassicismo francês originário das Academias de Belas Artes francesas passou a ser um estilo dominante e também exportável. Aqui no Brasil recebemos, em 1816, a Missão Artística Francesa com a finalidade de “atualizar” o gosto e a estética da Colônia estimulada pela vinda da família real portuguesa em 1808. Embora aqui não houvesse uma escola estética dominante, com exceção do Barroco que pontuava aqui e ali, uma ou outra obra, em geral igrejas.

Pode-se dizer também que aqui a primeira escola de Arte foi a Academia Imperial de Belas Artes criada com a vinda da Missão Artística Francesa. Embora a escola não funcionasse imediatamente, os artistas que vieram instalá-la continuaram trabalhando e incorporando os temas locais e regionais aos seus trabalhos e remetendo-os para venda na Europa onde tinham seu mercado.

Aqui a escola demorou para dar frutos e quando os deu, a matriz (centro europeu) já estava criando uma dissidência ferrenha contra o Neoclássico e abrindo as frentes das vanguardas artísticas desde o Impressionismo, Expressionismo, Cubismo, Futurismo etc. Só em 1922 que há uma manifestação formal iniciada pela Semana de Arte Moderna, em São Paulo, que inicia um movimento de contraponto ao academicismo.

Entramos atrasados no trem e não conseguimos sentar na janelinha... Pena não? Nosso mercado de Arte era incipiente e, que tinha meios para investir em Arte, seja para a decoração de suas residências e mansões, era a elite ruralista amparada pela riqueza cafeeira. Fora eles, alguns poucos industriais que se destacaram e acumularam riqueza e usaram a Arte para, de novo, se distinguir.

Pode-se pensar então que o Brasil não teve, até meados do século XX, um mercado promissor para o campo da Arte Visual. Os motivos podem ser descritos sumariamente como: Uma colônia usada com fins extrativos (pau brasil), mais tarde o ouro e pedras (minas) e a implantação da produção monocultural (açucareira, depois cafeeira). Uma economia baseada na mão de obra escrava (indígenas e depois africanos), depois exploração de imigrantes.

Vê-se que a estrutura econômica não tinha margem para uma produção artístico-cultural suficiente. A não ser em um ou outro centro urbano banhado pela economia dominante vinculada ao domínio colonial e, depois da Independência e República, pela oligarquia de poder residual da antiga colônia permaneceu ignara e limitada ao gosto importado e aculturado pela matriz...

Neste sentido, tanto a produção quanto a comercialização de Obras de Arte não se afastou (talvez até hoje) das marcas colonialistas.

As tentativas e resgatar ou construir uma “identidade” artística ou cultural sempre esbarraram na herança colonialista europeia. Assim a influência mais marcada na formação cultural no país sempre se amparou na história e conquistas do mundo ocidental.

A imposição e ingerência da cultura ocidental é pródiga no apagamento das demais culturas que submete ou incorpora e essa miscigenação cria uma outra cultura pós-colonialista.

Enfim “*se fica o bicho come se corre o bicho pega*”...

Continuamos sem saída.

As tentativas, até ingênuas, de “descolonização” ainda refletem e se amparam na colonização e, na intenção de negar, acabam por reforçar o *status quo*.

Bem, até agora estou tentando dizer que as questões relacionadas à produção e mercado de Arte não estão desligadas das demais questões relacionadas à dominações econômicas e culturais às quais se está submetido. O campo da Arte e da Cultura é altamente permeável aos aspectos socioculturais e como tais, sofrem uma espécie de “síndrome de identidade” que ora olha para si, ora para o outro e nesse cruzamento de olhares cria um terceiro olhar.

Este terceiro não consegue se afastar do primeiro nem do segundo criando um certo conflito, daí identitário. A busca por uma identidade se dá em diferentes níveis de conhecimento e percepções. Sejam aquelas próprias do indivíduo, seus interesses, valores e identidade, seja as que são distribuídas e disseminadas pelos meios e sistemas de Educação, comunicação e informação.

Portanto, como membros de um mundo globalizado em que as estratégias de dominação não são apenas bélicas mas econômicas e culturais, é difícil reconhecer, mesmo diante do espelho, quem somos nós... Bem em vista disso, o contexto da produção e mercantilização de Obras de Arte reflete as condições internacionais, mesmo porque o mercado nacional não é nada vigoroso em vista do mercado internacional.

As leituras necessárias para esta visão mais abrangente podem se basear nos textos aqui já indicados:

Cultura e Economia.

Economia Artisticamente Criativa.

Arte e Mercado – Greffe.

Elementos para pensar uma carreira profissional artística e criativa.

Significado do trabalho e carreira artística.

Colecionismo.

Arte e Mercado.

Que se encontram em:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

O aspecto seguinte se refere a *Gestão Artístico-culturais públicas e privadas*.

Nesse caso há uma expansão da abrangência da Gestão tanto no que diz respeito à questões do contexto da Arte quanto da Cultura e também para o ambiente público e privado.

Logo, tais reflexões ampliam substancialmente a compreensão e exigências para lidar com tais aspectos que são de um lado próximos e próprios da formação em Arte Visual e de outro, afastados dela.

Esta aproximação e afastamento é comum no contexto da Gestão Cultural já que diferentes políticas orientam as abordagens seja da Arte ou da Cultura. Vamos por partes: Cultura, aqui é subentendida como um campo diferenciado da ciência e da economia. Embora esta separação, de fato, não exista, o senso comum ou as pessoas que tratam disso a separa dos demais.

Bem o conceito de Gestão me parece que foi bem explorado e explicitado no conjunto de telas usadas para introduzir a disciplina, recomendo que voltem a ele quantas vezes for necessárias para rever e reforçar os conteúdos e informações aqui expostas. O problema é separar o que foi hifenizado: Artístico-culturais. Um termo construído por uma junção de dois substantivos implica em duas possibilidades: ou são uma coisa só ou são duas misturadas...

Ao que me parece, são duas mesmo e, como gêmeos siameses, unidos mas com personalidades próprias. Assim opto por começar separando-os um do outro. Vou analisar essa junção pelo lado como entendo o conteúdo exposto: no sentido corriqueiro Arte é Cultura, logo quando se fala em Arte, objetiva ou subjetivamente se fala, obrigatoriamente, em Cultura.

Silogisticamente, Cultura, nessa linha de raciocínio inclui obrigatoriamente a Arte. Uma coisa e outra são, nesse caso, redundantes.

Só não se configuraria uma redundância caso o foco da disciplina fosse tratar da Gestão Cultural como um todo e, nesse caso, estaríamos envolvidos no campo ampliado da Arte que incluiriam a Música, o Teatro, a Dança, a Literatura, o Cinema e todas as demais modalidades de manifestação folclóricas, artesanais, populares e/ou eruditas típicas do se chama de Cultura Artística.

Boa parte delas ligadas aos espetáculos que, a meu ver esse não vem ao caso. O caso se restringe às questões que emanam do campo de conhecimento e no projeto pedagógico no qual a disciplina está inserida, ou seja, as chamadas Artes Visuais e se referem exclusivamente às poéticas que operam técnicas e estratégias discursivas originárias, decorrentes, correlacionadas e/ou vinculadas a elas.

Que são sumariamente descritas dentro de modalidades contidas em bases bi, tri e quadrimensionais como a Pintura, Desenho, Escultura, Modelagem, Gravura, Fotografia, Cinema, Animação, Audiovisual, Instalações, Intervenções, Ocupações, Performances, Projeções, Interações Virtuais e/ou Interpessoais, Coletivas, Individuais e do corpo, entre outras que se ocupem das dimensões do espaço e do tempo, bem como das simulações e recursos estratégicos para criar, simular, sugerir e produzir efeitos de sentido e significação.

Como se vê, é um universo complexo e que está, queiramos ou não, sob o conceito geral ou genérico de Cultura.

Então volto à questão da *Gestão* propriamente dita e estritamente ligada ao campo das Artes Visuais.

A frase que analisamos no momento contém, mesmo com erro de concordância, duas referências: *públicas* e *privadas*, não são “gestões”. Mas podem se referir aos tipos de instituições que habitualmente lidam com isto.

Neste campo há instituições de direito Público e Privado que por interesse, definição ou criação se dedicam à Arte. Pode-se enumerar algumas delas: Museus, Galerias, Institutos de pesquisa, curadoria, estímulo, promoção, difusão e mesmo de gestão, entre muitas outras. Note-se que todos estes tipos podem ser ordenadas dentro do direito público ou privado. As públicas são criadas e, em geral, mantidas pelo poder público federal, estadual e municipal.

As instituições privadas são criadas e mantidas pela iniciativa privada, mesmo que busquem subvenções por meio de incentivos fiscais públicos. Se apropriar da legislação de incentivo para iniciativas de base cultural faz delas devedoras da sociedade, se não financeiramente, mas ética e moralmente. Normalmente as Fundações Culturais da iniciativa privadas são criadas para usufruir de benefícios fiscais oriundos da redução de impostos devidos.

Tais fundações usam deste recurso legal para a realização de marketing cultural criando a ilusão de que dedicam seu tempo e dinheiro em benefício da cultura. Na verdade apenas criam estruturas e estratégias de publicização em que os recursos públicos nem sempre resultam ou são revertidos em benefício da sociedade que as mantém, ao mesmo tempo, as instituições públicas são ignoradas e precarizadas.

No país com a edição de leis de incentivo à cultura, muitas empresas de consultoria e assessoria em projetos foram criadas e sobrevivem nesse contexto. Críticas à parte, cabe avaliar que orientação será dada ao projeto, aqui solicitado como atividade de avaliação, considerando os aspectos apontados. Obviamente tais projetos são ensaios ou seja, as possibilidades de realização são remotas mas não impossíveis.

A sugestão que faço é que a proposta tenha como foco algo que seja passível de realização por iniciativa própria ou por meio da busca de cooperação ou parceria com pessoas, empresas e/ou instituições que lidem com o contexto da Arte ou tenham algum interesse nesse campo.

Pode-se também pensar em possibilidades de criar novos nichos dentro do ambiente social no qual se encontra e tentar motivar ações geradoras de resultados artísticos.

O campo dos Eventos em Arte Visual, como exposto nos tópicos apresentados nas telas que produzi, apontam várias possibilidades e potenciais. Desde mostras até congressos e seminários destinados ao contexto da Arte seja como produção ou difusão e informação. Os Temas relacionados à Arte tem bom apelo junto aos diferentes públicos seja para conhecer ou apreciar.

Considerando que a disciplina tem por meta abordar as diferentes questões da produção e difusão da Arte Visual e sua inserção no contexto social e de mercado, a opção foi por avaliar a performance na disciplina em duas etapas:

A) Plano de Evento em Arte Visual e

B) Projeto de Evento em Arte Visual.

A primeira fase, o Plano de Evento, consiste no desenvolvimento de proposta de atividade que observe e analise o contexto geral da Arte Visual e identifique as potencialidades que se apresentarem para a elaboração de um Projeto.

A segunda fase é a apresentação de um projeto finalizado capaz de, se necessário, ser colocado em prática.

O objetivo destas atividades é oportunizar aos acadêmicos a possibilidade de investigar as características desta área de com o fim de identificar potenciais de atuação profissional e propor um evento que contemple tais características. O exercício consiste na observação do ambiente social da Arte, identificação de potenciais, a reflexão sobre possibilidades de ação e realização de eventos e a elaboração de um projeto que possa ser, eventualmente, realizado.

Podem ser propostas mostras, edições, produção, curadoria, autoria artística, entre outras possibilidades indicadas ou sugeridas que possam ser usadas no projeto.

O projeto deve conter dados essenciais e tomados do contexto para o qual o projeto é destinado independente de ser ou não realizado futuramente.

Para execução destas tarefas siga as orientações da próxima tela e use as indicações bibliográficas apontadas na última tela.

PARTE 1:

PLANO DE EVENTO EM ARTES VISUAIS

Esta primeira parte se refere à primeira entrega relativas às atividades individuais 11, 12 e 13 que compreende as leituras e elaboração do Plano de Evento que deverá ser enviado no dia previsto para a 13ª. atividade (via SISCAD) para (Isaac.camargo@ufms.br).

1. Título do Plano:
2. Autoria:
3. Indicadores conceituais da proposta a partir de levantamentos e reflexões: que tipo de proposta, para quem, com quem, porque, para que, o que alcançar, em que prazo, em que dimensão, em quanto tempo)
4. Objetivos Gerais (quem ganha no todo) e específicos (quem ganha no particular): o que espera obter, alcançar com a realização deste plano.
5. Cronograma. (quanto tempo desde o início até a finalização).
6. Referencias de leitura e bibliografia.

PARTE 2:

PROJETO DE EVENTO EM ARTES VISUAIS

Esta segunda parte se refere à entrega relativas às atividades individuais 14, 15, 16 que compreende as leituras e elaboração do Projeto Final de Evento que deverá ser enviado no dia previsto para a 17ª atividade (via SISCAD) para (Isaac.camargo@ufms.br).

1. Título do Projeto:
2. Autoria:
3. Indicadores conceituais, dados e referências analisadas:
4. Objetivos Gerais e específicos.
5. Cronograma.
6. Referencias de leitura e bibliografia.

Atividades de Reforço e apoio Pedagógico.

Estes textos e os seguintes estão disponíveis em:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

Leitura e Resumo deste material.

Leituras de Apoio e consulta:

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte Moderna.

*ARGAN, Giulio Carlo,
FAGIOLLO, Maurizio. Guia da História da Arte.*

GOMBRICH, E. História da Arte.

Bibliografia complementar em Gestão em Arte Visual.

Guia do Artista Visual.

O que é um Artista?

Pense como um Artista.

Isso é Arte?

Elementos para pensar uma carreira profissional artística e criativa.

Significado do trabalho e carreira artística.

Subsídios para planos museológicos.

Interdisciplinaridade e Arte Visual.

Gestão Arte Visual – Bienal SP

Princípios básicos de Museologia.

Expositivo – Iluminação Expográfica.

Direitos Culturais.

Com o cérebro na mão.

Cartilha de Economia Criativa - SEBRAE.